

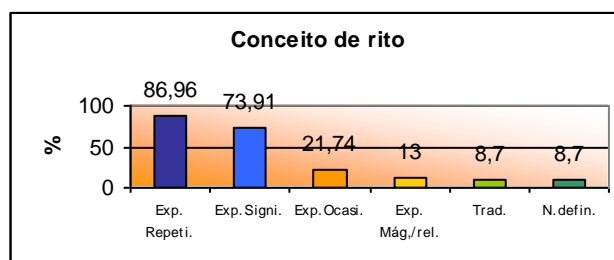
## CAPÍTULO III

### APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos após a aplicação das entrevistas e tratamento dos dados relativos às mesmas provenientes da análise de conteúdo, bem como dos dados oriundos da observação directa realizada às duas equipas.

Ao inquirirmos as atletas sobre o seu entendimento em relação ao conceito de rito, verificámos que, a maioria das atletas, 86,96% considera que se trata de uma expressão repetitiva, tal como entende Maisonneuve e Cazeneuve, 73,91% referem que é algo realizado com um determinado fim, ou seja, com um significado próprio para quem o pratica e, 21,74% associam o conceito a uma expressão de ocasião, expressão esta realizada numa determinada situação importante. É de referir que, 8,7% das inquiridas, associam o rito a uma tradição, contudo nenhum autor assim o definiu, já que a tradição implica a ligação entre o passado e o presente e pressupõe entregar ou transmitir algo. No entanto, podemos dizer que, para as nossas inquiridas, o rito é uma expressão repetitiva, realizada com um determinado significado, numa dada situação específica, corroborando desta forma, o conceito de Maisonneuve.

**GRÁFICO III.1-** Conceito de Andebol

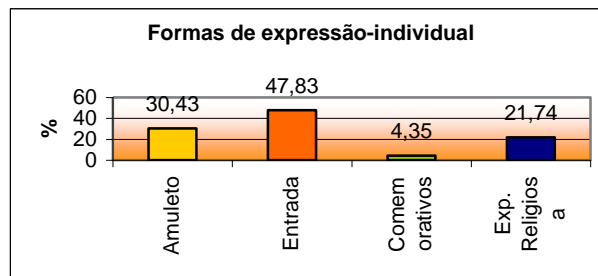


Ao questionarmos as atletas quanto à presença de ritos individuais na modalidade de Andebol, a maioria, 78,26%, respondeu identificar expressões simbólicas, nomeadamente em relação ao modo de entrar no recinto de jogo, como entrar com o pé direito e benzer, e ao uso de amuletos, como usar as mesmas meias, as mesmas pulseiras, o mesmo fio e os mesmos ganchos, o que corrobora o estudo

realizado por Barata; enquanto que, 21,74% das atletas, observa expressões de cariz mágico/religioso, o que demonstra a existência da partilha de fé numa divindade, como por exemplo, benzer-se e rezar, e apenas, 4,35% identificou expressões comemorativas, como levantar o braço aquando da comemoração de um golo marcado.

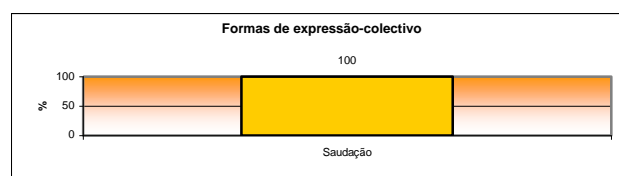
É de salientar que, no que concerne ao modo de entrar no recinto de jogo, o “entrar com o pé direito” é o mais referido, não se verificando nenhuma atleta referir o pé esquerdo. Tal situação, em nosso entender, poderá ter uma justificação cultural, já que o vocábulo que significa direita é associado a hábil, direito, ágil, astuto, enquanto o esquerdo é conotado com um significado funesto, desastre, ameaçador.

**GRÁFICO III.2-** Formas de expressão do rito: individual



Quanto questionadas em relação aos ritos colectivos que identificam na modalidade, a totalidade das inquiridas, 100%, identifica a saudação, e mais concretamente o grito. Uma vez que são reduzidas as classificações em relação aos ritos desportivos, entendemos classificar o grito, como rito colectivo vocal. No entanto, quando inquiridas em relação aos ritos colectivos realizados na equipa, tendo em conta a situação de ocorrência (antes, durante e depois do treino e antes, durante e depois do jogo), as respostas são diversas. É de salientar que, independentemente da situação de ocorrência, nenhuma atleta mencionou o número do seu equipamento e a organização da própria saudação ao público e às adversárias, bem como o “ tiro de partida” impostas pelo regulamento, como rito da modalidade, o que contrasta com os estudos realizados por Barata e por Rahariosa.

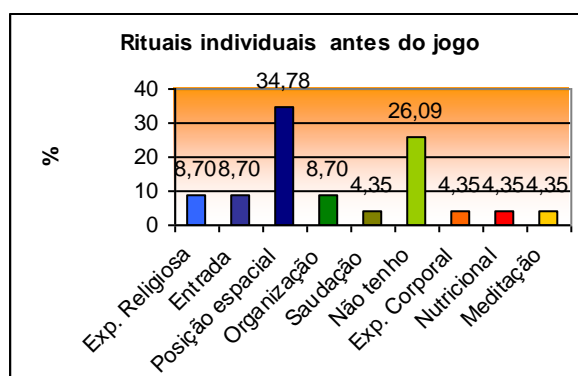
**GRÁFICO III.3-** Formas de expressão do rito: colectivo



Quanto interrogadas sobre os rituais individuais praticados antes do jogo, a maioria das jogadoras, 34,78%, referiu a posição espacial, ou seja, várias atletas têm como rito ocupar sempre o mesmo lugar no balneário, 8,70% têm como ritos: expressão religiosa (rezar), modo de entrar (pé direito) e organização (“arrumo o saco com uma determinada sequência) respectivamente, e 4,35% praticam ritos relacionados com expressões corporais (“fecho o punho em caso de defesa”), saudação “na apresentação vou sempre ao lado da mesma colega”), nutricionais (“como sempre esparguete”) e de meditação (“penso mentalmente na equipa adversária”) respectivamente. Apenas 26,09% das atletas responderam não ter qualquer rito individual antes do jogo.

Tais resultados, corroboram em parte o estudo de Barata, já que concluiu que os principais ritos são realizados no balneário. É de referir ainda, que aos ritos praticados no período de preparação para o jogo, classificámos de ritos preparatórios, já que nesta fase o atleta se prepara para a competição.

**GRÁFICO III.4-** Rituais individuais realizados antes do jogo

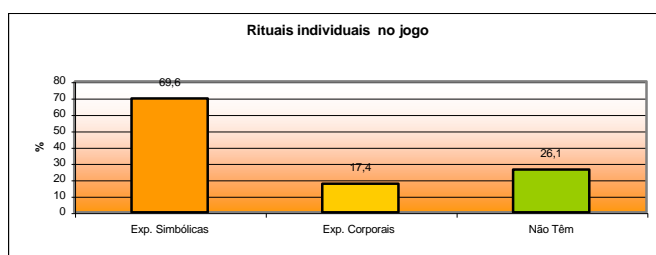


Quando interrogadas em relação à prática de rituais individuais, em situação de jogo, esta diminuiu um pouco em relação ao período anterior, tal como no estudo de Barata. Esta justificação poderá relacionar-se com o facto das atletas não se aperceberem que os realizam, como pudemos constatar nas entrevistas realizadas, confrontando-as com a observação dos jogos. Contudo, como podemos observar, 69,6% das atletas recorrem a símbolos, ou seja, têm como hábito o uso de amuletos (meias, cuecas, fio), 17,4% realizam expressões corporais (fazer figas) e 26,1% responderam não realizar qualquer rito individual neste período.

No entanto, na observação directa, constatámos que algumas atletas realizavam outros ritos que não referiram quando foram entrevistadas, como por exemplo, levantar

o braço e bater na mão da colega após marcação de golo e ainda, bater na mão da colega em caso de substituição. Aos dois primeiros ritos, classificámo-los de ritos comemorativos, pois referem-se à comemoração daquilo a que Morris apelidou de “auge do jogo”, o golo, sendo de referir também, que algumas atletas, que responderam não ter qualquer rito individual, na verdade têm, o que reflecte que os realizam inconscientemente.

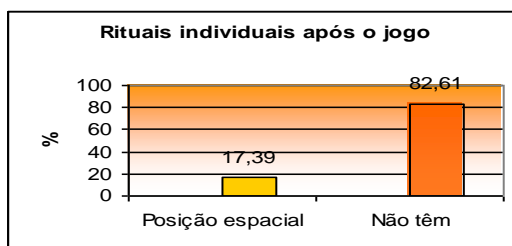
**GRÁFICO III.5-** Rituais individuais realizados durante o jogo



Ao questionarmos as inquiridas em relação à prática de ritos individuais após o jogo, constatámos que, a maioria, 82,61% respondeu não realizar qualquer rito e apenas, 17,39% referiu a posição espacial como rito, ou seja, ocupam sempre o mesmo sítio no balneário. Assim, confrontando o presente gráfico com o anterior, é notória a diminuição de ritos individuais praticados. Ora, tal situação poderá, no nosso entender, ser justificada à luz de Maisonneuve, que diz, serem realizados muitos ritos em momentos de angústia, de crise e de incerteza. Ora, o facto de ter cessado o jogo, encarado como uma actividade incerta, que à partida não se sabe o vencedor, termina com a possibilidade de criar tensões nos seus intervenientes e deste modo, é compreensível a diminuição do seu uso.

É de salientar que, aquando da observação directa, realizada em situação de jogo, e mais concretamente no seu término, não foi detectado por nós, qualquer rito individual realizado pelas atletas.

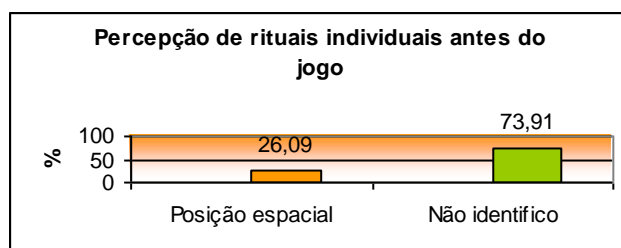
**GRÁFICO III.6-** Rituais individuais realizados após o jogo



Este gráfico traduz as respostas dadas à questão relativa à percepção de rituais individuais nas colegas, mais concretamente no período antecedente ao jogo. Como se pode observar, 73,91% das jogadoras não identificam rituais praticados pelas colegas, enquanto que, apenas 26,09%, referem o local ocupado no balneário como comportamentos rituais individuais observados neste período.

**GRÁFICO III.7**

Percepção dos rituais individuais realizados pelas colegas antes do jogo

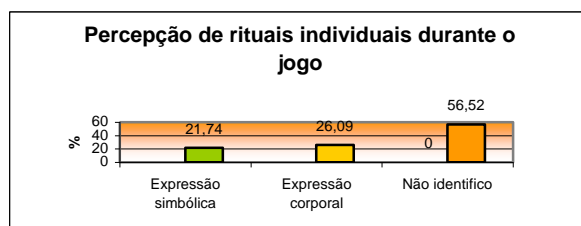


Quando colocada a mesma questão mas relativa ao período do jogo, a percentagem de rituais individuais observados nas colegas diminui. Assim, a maioria das atletas, 56,52% não consegue identificar práticas rituais nas colegas, enquanto que, 26,09% identifica expressões corporais (levantam os braços em caso de golo) e 21,74% observa expressões simbólicas (usa o mesmo fio e as mesmas meias). Tal facto, pode ser justificado, uma vez que o jogo assume extrema importância para as intervenientes sendo os níveis de atenção centrados apenas nas questões técnico-táticas do jogo. Tal resultado, corrobora o estudo de Barata, pois também verificou uma diminuição da prática de rituais neste período em relação ao momento antes do jogo.

É de salientar que, na observação directa, detectámos que todas as atletas, em situação de substituição, batiam na mão da colega. Contudo, tal gesto repetitivo, não foi referido por nenhuma, o que mais uma vez demonstra, que foi realizado de forma inconsciente.

**GRÁFICO III.8**

Percepção dos rituais individuais realizados pelas colegas durante o jogo

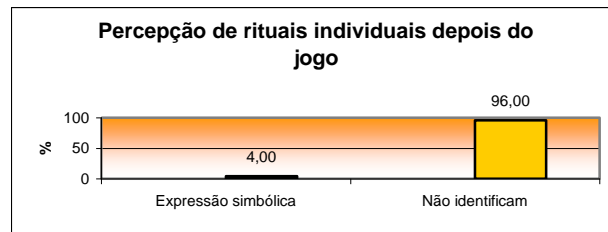


No que concerne à percepção de rituais individuais nas colegas, no período posterior ao jogo, a grande maioria, 96% refere novamente, não identificar qualquer rito realizado, e apenas, 4% das atletas identificam colegas que realizam determinadas expressões simbólicas no balneário, mais concretamente usar a mesma toalha no banho. Situação semelhante, foi verificada por Barata, ao identificar atletas que usavam a mesma marca de champô e de sabonete.

Aquando da observação directa, verificámos que nenhuma atleta realizou, no recinto de jogo, qualquer rito de cariz individual.

### GRÁFICO III.9

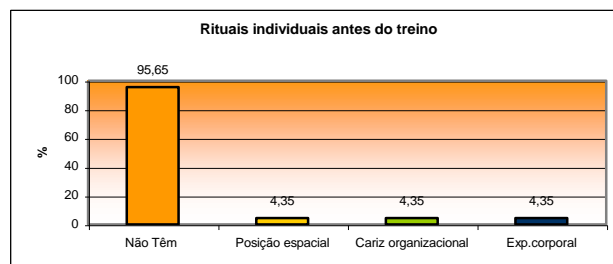
Percepção dos rituais individuais realizados pelas colegas após o jogo



Quando questionadas sobre a prática de ritos antes do treino, a maioria das jogadoras, 95,65% respondeu não ter rituais, facto que se opõe aos resultados obtidos por Raharisona. Das que responderam afirmativamente, 4,35% referiram-se à posição espacial (“ocupo sempre o mesmo sítio no balneário”), ao cariz organizacional (“Arrumo o saco de determinada forma”) e à expressão corporal (“Equipo-me segundo uma sequência”) respectivamente. Comparando a prática de ritos em dois momentos distintos, antes do treino e antes do jogo, é notória a diferença de atletas que os realizam, sendo mais frequentes, como já observámos, antes do jogo. Tal situação, poderá ser interpretada segundo Titiev, em que o jogo seria associado a uma situação difícil, realizando-se nessa situação específica determinadas expressões, a que denominamos como ritos de momentos difíceis.

### GRÁFICO III.10

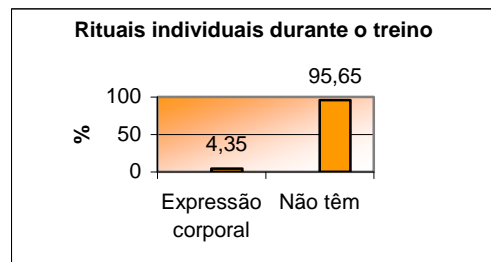
Prática de rituais individuais realizados antes do treino



Também durante o treino, poucos são os ritos realizados pelas jogadoras, sendo realizado apenas pela guarda-redes. É de salientar que esta mesma jogadora não referiu este rito na situação de jogo, contudo, foi constatado por nós aquando da realização da observação directa

**GRÁFICO III.11**

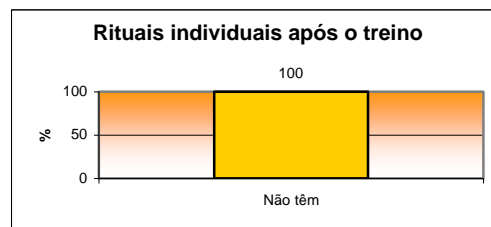
Prática de rituais individuais realizados durante o treino



Quando questionadas em relação à prática de ritos individuais após o treino, todas responderam negativamente, não havendo assim, nenhuma atleta que realize, pelo menos conscientemente, ritos individuais no referido período.

**GRÁFICO III.12**

Prática de rituais individuais realizados após o treino



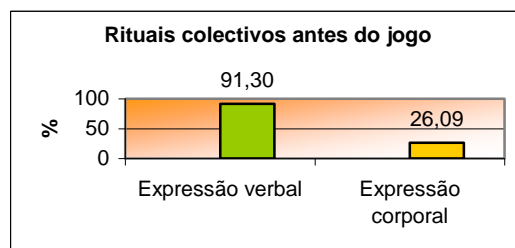
Quando interrogadas sobre a existência de rituais colectivos, no período anterior ao jogo, todas as atletas responderam afirmativamente. Assim, a grande maioria, 91,30% realiza o grito, enquanto que, 26,09% das jogadoras, estas pertencentes à mesma equipa, realizam expressões corporais, como por exemplo, dar a mão aquando da realização do grito e após este, bater peito contra peito. Em relação ao grito, é de referir que Barata, também verificou nos seus estudos, que todos os jogadores realizavam este ritual como forma de unir o grupo e de motivá-lo para o jogo, entendendo também, que tal expressividade cria a identidade própria do grupo.

Tais ritos foram constatados por nós na observação directa, no entanto, a saudação ao público, realizada por ambas as equipas e a saudação entre atletas titulares,

realizada apenas por uma das equipas, não foram mencionadas por nenhuma das inquiridas, estando a primeira relacionada com o regulamento da modalidade.

**GRÁFICO III.13**

Prática de rituais colectivos realizados antes do jogo

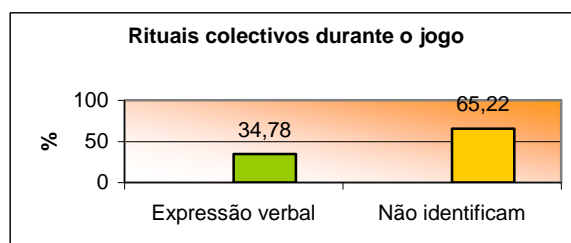


No entanto, em relação à mesma questão, agora no âmbito do jogo, observa-se uma diminuição na realização de rituais colectivos. Como tal, 65,22% das jogadoras não identificam rituais na equipa, enquanto que, 34,78% dizem realizar expressões verbais, nomeadamente o grito. Tal ritual, também detectado na situação de observação directa, é realizado com o intuito de unir o grupo e motivá-lo para lutar pela vitória, como referiram as atletas quando questionadas sobre o significado do mesmo. Tal justificação, é a mesma dada pelos jogadores do estudo de Barata. No entanto, no nosso entender, também se compreende o facto de ocorrer uma diminuição da prática de rituais, já que o período antes do jogo se assume como o período em que o indivíduo se prepara para a competição, combatendo toda a ansiedade e angústia que a mesma poderá proporcionar.

Ainda em relação à observação directa, constatámos que as atletas suplentes de ambas as equipas batiam palmas após marcação de golo, rito este que não foi mencionado por nenhuma das inquiridas.

**GRÁFICO III.14**

Prática de rituais colectivos realizados durante o jogo



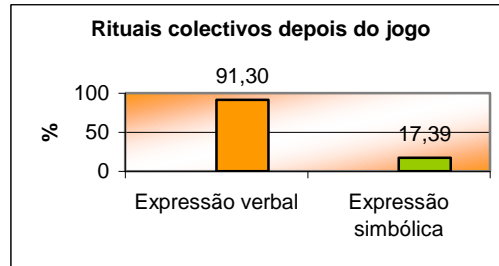
Após o jogo, observa-se um aumento dos rituais colectivos em relação ao período anterior. Assim sendo, 91,30% das jogadoras realizam expressões verbais, como o grito e 17,39%, todas da mesma equipa, referem utilizar uma linguagem própria



“password” para aceder ao balneário. Segundo as mesmas jogadoras, tais expressões, fazem com que o grupo estabeleça uma relação, uma comunicação, função esta, apoiada por Maisonneuve, acrescentando ainda, que tais expressões reflectem a incorporação de determinados valores pelo grupo.

**GRÁFICO III.15**

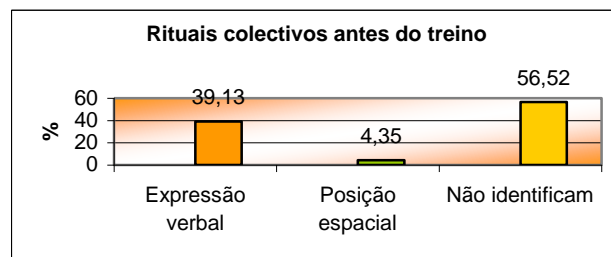
Prática de rituais colectivos realizados depois do jogo



Em relação à existência de rituais colectivos, mas no período anterior ao treino, estes diminuem em relação ao mesmo período do jogo. Como tal, a maioria das jogadoras, 56,52% não identifica rituais colectivos, enquanto que, 39,13% e 4,35% das jogadoras, todas elas da mesma equipa, dizem realizar o grito e iniciar o aquecimento quando todas as colegas estão em campo, respectivamente. Tal facto, deve-se à importância que as mesmas atribuem à coesão do próprio grupo, como responderam quando questionadas sobre o significado dos rituais colectivos. Contudo, comparando a prática de rituais colectivos antes do treino e antes do jogo, verifica-se uma diminuição em relação à primeira situação, pois as atletas dão primazia ao jogo em detrimento do treino.

**GRÁFICO III.16**

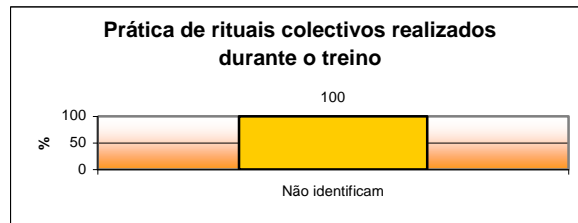
Prática de rituais colectivos realizados antes do treino



No entanto, no período do treino, nenhuma atleta identificou rituais colectivos. Tal situação, compreende-se mais uma vez, na medida em que o jogo assume sem dúvida a importância máxima, sendo o treino encarado como uma actividade sem risco e não geradora de situações de “crise”.

**GRÁFICO III.17**

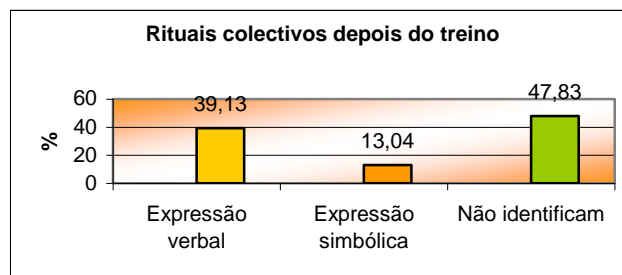
Prática de rituais colectivos realizados durante o treino



No que concerne à prática de rituais colectivos após o treino, 47,83% das jogadoras não identificam qualquer rito realizado pela equipa, enquanto que, 39,13% e 13,04% das jogadoras, todas elas da mesma equipa, executam expressões verbais, como o grito e observam expressões simbólicas, como a “password” (senha de acesso ao balneário), ambas já referidas no período após o jogo, respectivamente. É de referir que os rituais colectivos identificados pelas jogadoras após o jogo também são identificados, quase, pela totalidade das jogadoras, após o treino. Também é de salientar que, todas as jogadoras pertencentes à mesma equipa, afirmaram não identificar quaisquer rituais colectivos neste período.

**GRÁFICO III.18**

Prática de rituais colectivos realizados depois do treino



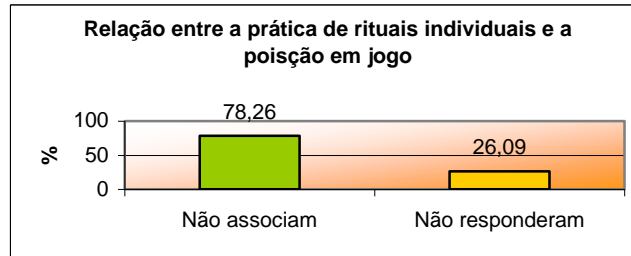
No que se refere à relação entre a realização de rituais individuais e posição em campo das jogadoras, a totalidade das inquiridas que os realiza, respondeu não haver qualquer relação. Afirmando no entanto, quando confrontadas sobre o significado de tal prática, que os realizam sobretudo por questões de cariz mágico/religioso e motivacional. É de salientar que, 26,09% das jogadoras não responderam, pois responderam não realizar rituais individuais.

No entanto, a guarda-redes de uma das equipas, realiza imensos rituais, corroborando deste modo o estudo de Barata, pois refere que os jogadores desta posição

são os que expressam mais rituais, comparativamente aos jogadores de outras posições de campo.

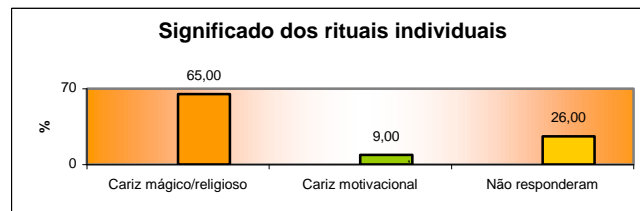
**GRÁFICO III.19**

Relação entre a prática de rituais individuais e a posição em jogo



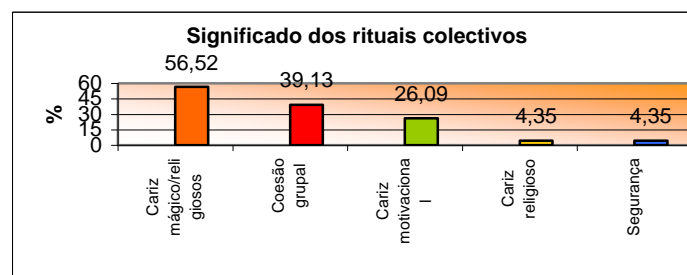
Quanto ao significado de realizarem rituais individuais, a maioria das jogadoras, 65%, realiza-os por questões de natureza mágico/religiosa e em segundo lugar, 9% como forma de motivação. Tais significados, apoiam os dados referidos na revisão da literatura, pois há atletas que acreditam na relação entre os seus actos e o bom desempenho que obtém, recorrendo aos gestos, símbolos, ou costumes usados repetitivamente.

**GRÁFICO III.20-** Significado dos rituais individuais



No que concerne ao significado dos rituais colectivos, a maioria das inquiridas, 56,52% referiu-se às questões mágico/religiosas ao responderem “Dão me sorte” e em segundo lugar, 39,01% à coesão do grupo o que corrobora em parte, o estudo de Barata.

**GRÁFICO III.21-** Significado dos rituais colectivos



Em relação à prática de rituais na equipa técnica, a grande maioria das jogadoras, 95,65%, não identificam qualquer sinal na mesma e apenas 4,35% das jogadoras, identificam uma frase “Siga!”, segundo as mesmas, dita com o intuito de encorajar para a vitória.

**GRÁFICO III.22-** Prática de rituais pela equipa técnica

